

CAMBRAI 1917

A batalha das Cavalarias (nova e velha) e a afirmação da Artilharia moderna

O insucesso dos Aliados na sangrenta 3.^a batalha de Ypres (Passchendaele), iniciada em Junho de 1917 e concluída em Novembro desse ano, constituiu um sério alerta para a necessidade de não continuar a insistir na modalidade de maciços ataques frontais. Esses ataques eram sistematicamente precedidos de intensas preparações de artilharia, as quais, todavia, mais não faziam do que tornar o terreno impraticável para a infantaria e anunciar aos inimigo o desencadeamento dos mesmos. Por tal motivo, o factor surpresa havia muito que fora riscado da terminologia militar em uso na Frente Ocidental.

Justamente no seguimento do insucesso da grande ofensiva de Verão dos Aliados, a Força Expedicionária Britânica (FEB) iria tentar uma nova experiência ofensiva que permitisse conjugar uma acção de surpresa com um ímpeto inicial difícil de deter. Pretendia-se, assim, fazer a conjugação de três condições inovadoras:

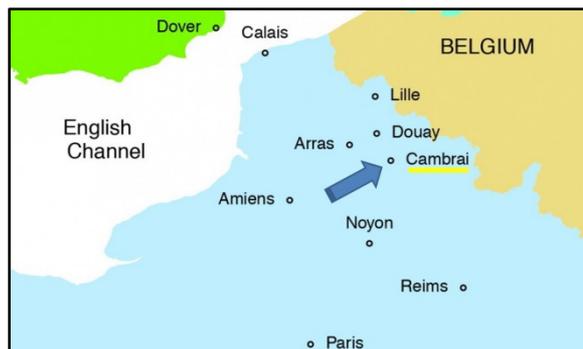
- Escolher um trecho da frente de **solo duro e seco** e sem o enorme número de crateras causadas pelos impactos da artilharia e dos morteiros que existiam noutros sectores da frente onde já houvera batalhas de grande envergadura;
- Fazer coincidir o apoio da artilharia com o início da manobra atacante, de modo a obter **surpresa**;
- Empregar na manobra de rotura um elevado número de **carros de combate**.

Winston Churchill que, enquanto 1.^o Lorde do Almirantado, estivera ligado ao processo inicial da produção de carros de combate¹, a este propósito haveria de escrever, mais tarde:

O plano de ataque de Cambrai estava inerente na concepção original do carro de combate. Era para isto, e precisamente para isto, que os carros de combate haviam sido idealizados.²



Gen. Julian Byng



Localização geral



Brig. Hugh Elles

O sector ocupado pelo 3.^o Exército, em frente a Cambrai, oferecia o tipo de terreno sólido e sem crateras necessário para o emprego dos carros de combate. Byng, por seu turno, convenceu Douglas Haig das potencialidades da operação, obtendo do comandante da FEB a necessária aprovação.

Ora sucede que, no Outono de 1917, o grosso do Corpo de Carros de Combate da FEB permanecia praticamente intacto. O seu comandante, brigadeiro Hugh Elles, havia muito tempo

¹ Ver, neste Blog, o artigo *Tanks em vez de WC*, na Secção Militar.

² CHURCHILL, Winston, *The World Crisis, 1911-1918*, p. 732.

artilharia, e que, sendo um interessado pelas potencialidades dos carros de combate, instruíra os seus soldados a atirar sobre alvos em movimento.

As guarnições das primeiras linhas alemãs foram, contudo, apanhadas de surpresa, permitindo que, com baixas insignificantes, o escalão de ataque britânico progredisse os primeiros 6 km. Precedidos pelos fogos de barragem da artilharia, os carros de combate iam na frente, esmagando o arame farpado das posições alemãs e seguidos pela infantaria, a cerca de 150 metros – distância exagerada, como a experiência haveria de demonstrar. Inicialmente tudo se passou com a eficácia que se tinha antecipado. O capitão D. G. Browne recordaria, assim, os primeiros momentos do ataque:

As três barreiras de arame farpado foram atravessadas como se fossem urtigas e foram abertas 350 passagens através delas para a infantaria. Os defensores da trincheira da frente saíram apressadamente dos abrigos subterrâneos para enfrentarem o impacto e o fogo de barragem, e viram os primeiros tanques em cima deles.³

Tendo em atenção o que se pretendia com o planeamento da operação, o primeiro dia de combate (20 de Novembro) constituiu um assinalável êxito para os carros de combate, na sua missão de abertura de uma brecha para a passagem da infantaria. Se é certo que a batalha marcará para sempre a afirmação da “nova cavalaria”, não deixa de ser curioso constatar que, nesse primeiro dia, também a cavalaria tradicional teria um pequeno momento de glória. Coube essa honra a um esquadrão do regimento canadiano *The Fort Garry Horse*, o qual seria a força britânica a atingir, nesse dia, uma posição mais próxima da cidade de Cambrai, beneficiando, também, da brecha aberta pelos carros. Nessa incursão, de modo surpreendentemente semelhante ao emprego da cavalaria nas batalhas dos séculos anteriores, o esquadrão detectou uma posição de artilharia alemã que alvejava os carros de combate, e, de sabres desembainhados, sobre ela carregou.

THE NEW YORK HERALD
 EUROPEAN EDITION—PARIS, FRIDAY, NOVEMBER 23, 1917.
 PRICE: Paris and France, 15c.; Abroad, 25c. PUBLISHED BY THE HERALD COMPANY, 375 NASSAU ST., N. Y. C.

News Summary
 NEWS BULLETINS POSTED:
 DAILY HINT FROM GERMANY:
 News Told in Brief:
 ITALIANS CHECKING ENEMY ON GAPPÀ;
 FLEETS AID TROOPS
 France's Debt To the British
 HOW CAVALRY AND TANKS RIPPED GAP IN ENEMY'S LINE
 Impatient Mass of Cavalrymen Wait—and Charge in Mad Frenzy

STRIP WAR POSER OF CAPTAIN'S SUIT; HE FLEES IN CAB
 American Officers Gave "Fighting Man" Choice of Apparat After Grill in Cold Room.

SCATTERED GERMANS MAKE NO ATTEMPT TO RELIEVE CAMBRAI
 Resumption of British Attack Believed Imminent—Crown Prince of Bavaria Rushes Forces to Danger Zone to Defend Town, but No Counter-Attack Has Yet Developed.

Tells How Scots Took Flesquières After Desperate Hand-to-Hand Fight

GENERAL BYNG

ITALIANS CHECKING ENEMY ON GAPPÀ; FLEETS AID TROOPS

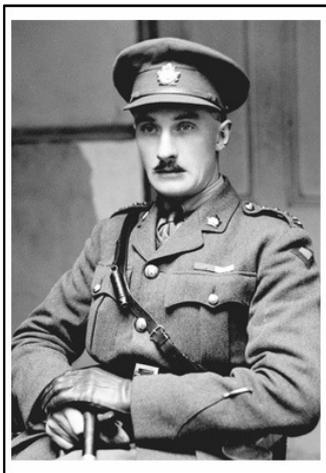
France's Debt To the British

HOW CAVALRY AND TANKS RIPPED GAP IN ENEMY'S LINE

Impatient Mass of Cavalrymen Wait—and Charge in Mad Frenzy

³ GILBERT, Martin, *A Primeira Guerra Mundial*, p. 562.

De seguida, desceram, literalmente, quando chegaram a uma estrada afundada, sobre uma bateria de metralhadoras alemã. Nessa curta carga, foram mortos cinquenta alemães. Mas na estrada afundada, os canadianos foram apanhados por outras metralhadoras alemãs. Desmontaram, lançaram os seus cavalos sobre as linhas alemãs e conseguiram regressar a Masnières, usando os sabres para abrir caminho. Pela sua liderança durante a carga, o tenente H. Strachan recebeu a Victoria Cross.⁴



Tenente Marcus Strachan



Esquadrão do *The Fort Garry Horse*, vendo-se o tenente Strachan à cabeça

No entanto, no centro do dispositivo, com o prosseguimento do ataque, a infantaria, que já iniciara o ataque a distância superior ao recomendável, alongou a distância para os carros de combate, deixando-os isolados frente às defesas alemãs. Ao final do primeiro dia de combate, 65 carros tinham sido atingidos por disparos directos, 71 tinham avariado, 43 tinham ficado imobilizados em valas ou trincheiras e muitos outros necessitavam de pequenas reparações.⁵



Em Flesquières, a menos de meio caminho entre a Linha de Partida e Cambrai, uma bateria de artilharia alemã lograria destruir 39 carros de combate. Sete deles foram detidos por um só artilheiro alemão, o *Unteroffizier* Kurt Kruger, que se encontrava completamente só a manejar a peça até ser morto a tiro. Seria o único militar alemão, na 1.ª Guerra Mundial, a ser citado nos despachos militares britânicos.⁶

⁴ *Ibidem*, pp. 562-563.

⁵ BIDWELL, Shelford, GRAHAM, Dominick, *Fire Power: The British Army Weapons & Theories of War 1904-1945*, p. 137.

⁶ GILBERT, Martin, *Idem*, pp. 562-563.

Apesar desses contratempos, no final do primeiro dia da ofensiva a satisfação dos britânicos atingira os píncaros. Nas mensagens enviadas para Londres, o comando da FEB descreveu a situação com tal entusiasmo que a notícia de uma grande vitória logo se espalhou pelo país, provocando o repicar dos sinos pela primeira vez desde o início da guerra.

Não era caso para tanto.

De facto, em 30 de Novembro, demonstrando uma notável capacidade para manobrar as suas reservas, os Alemães concentraram nas imediações de Cambrai 20 divisões e iniciaram um movimento de contra-ataque, logrando, em poucos dias, recuperar a maior parte do terreno perdido. Entretanto, cada um dos lados havia sofrido cerca de 45.000 mortos.

Mas é inegável que a experiência desses dias de combate reverteu a favor das tropas aliadas, vindo a reflectir-se na conduta das operações do Verão de 1918 até ao final da guerra. Quanto ao emprego de grandes massas de carros de combate, o aperfeiçoamento das viaturas, conseguido já no período entre as duas guerras mundiais, permitiria revolucionar a arte da guerra, libertando-a do pesadelo das trincheiras e fazendo a mesma regressar à guerra de movimento.

David Martelo – Setembro de 2017